

ABDIAS FERREIRA NETO

PEDALANDO NAS NUUVENS

A TRAVESSIA
COMPLETA
DO LITORAL
BAIANO

EDITORA RECANTO DAS LETRAS



PEDALANDO NAS NUVENS

**A TRAVESSIA
COMPLETA
DO LITORAL
BAIANO**

ABDIAS FERREIRA NETO

PEDALANDO NAS NUUVENS

**A TRAVESSIA
COMPLETA
DO LITORAL
BAIANO**

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Abdias Ferreira Neto

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Abdias Ferreira Neto
Foto da capa: Acervo do autor
Capa e diagramação: Manoela Dourado
Todas as fotos do livro são do acervo do autor
e foram feitas durante a viagem.
1ª edição – fevereiro de 2022

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em
parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferreira Neto, Abdias

Pedalando nas nuvens : a travessia completa do litoral
baiano / Abdias Ferreira Neto. -- São Paulo : Recanto das
Letras, 2022.

312 p. : il.

ISBN 978-85-7142-113-4

1. Ferreira Neto, Abdias - Viagens - Brasil 2. Viagens em
bicicleta 3. Descrições de viagens I. Título

22-1307

CDD 910.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Viagens em bicicleta

Tenho a firme convicção de que um livro é de todos aqueles que o leem. Patrimônio irrestrito e ecumênico. Em razão disso, no tocante a este, não serão encontradas linhas ostentando dedicatórias exclusivas. Não obstante, gostaria de distinguir alguns seres que provavelmente nunca o lerão ou ao menos tomarão conhecimento de sua existência: são pessoas que cruzaram o meu caminho ao longo da travessia do litoral baiano e, de alguma forma construtiva, interagiram comigo. De uns poucos eu lembro os nomes. Rostos me surgem encobertos pelo véu que o tempo lhes impingiu. Mas as suas ações, seus gestos e sua generosidade estão resguardados e diluídos nesta história.

“São poucas as oportunidades que a vida nos dá de passear por nossos próprios sonhos e acariciar com as mãos uma lembrança perdida.”

Carlos Ruiz Zafón, O Labirinto dos Espíritos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
PRÓLOGO.....	17
Capítulo 1. São Paulo/SP – São Mateus/ES	21
Capítulo 2. Itaúnas (Conceição da Barra/ES)	25
Capítulo 3. Mucuri – Nova Viçosa.....	27
Capítulo 4. Nova Viçosa – Barra Velha da Ilha da Cassumba (Caravelas).....	33
Capítulo 5. Ilha da Cassumba	37
Capítulo 6. Caravelas – Alcobaça	41
Capítulo 7. Alcobaça – Prado.....	49
Capítulo 8. Prado – Cumuruxatiba.....	55
Capítulo 9. Cumuruxatiba – Morro do Moreira	61
Capítulo 10. Morro do Moreira – Barra do Cahy – Corumbau.....	67
Capítulo 11. Corumbau (Prado) – Barra Velha – Caraíva (Porto Seguro).....	75
Capítulo 12. Caraíva	83
Capítulo 13. Caraíva – Rio dos Frades.....	87
Capítulo 14. Rio dos Frades – Porto Seguro	95

Capítulo 15. Porto Seguro – Santa Cruz de Cabrália	99
Capítulo 16. Santa Cruz de Cabrália – Mogiquiçaba (Belmonte)	105
Capítulo 17. Mogiquiçaba – Belmonte	111
Capítulo 18. Belmonte – Canavieiras	119
Capítulo 19. Canavieiras I	123
Capítulo 20. Canavieiras II	129
Capítulo 21. Canavieiras – Una	133
Capítulo 22. Una	141
Capítulo 23. Una – Ilhéus	147
Capítulo 24. Ilhéus	159
Capítulo 25. Norte de Ilhéus – Serra Grande (Uruçuca)	165
Capítulo 26. Uruçuca – Itacaré	173
Capítulo 27. Itacaré	177
Capítulo 28. Itacaré – Península de Maraú	185
Capítulo 29. Península de Maraú – Baía de Camamu (Camamu e Igrapiúna)	191
Capítulo 30. Baía de Camamu – Ituberá – Nilo Peçanha	199
Capítulo 31. Barra dos Carvalhos (Nilo Peçanha) – Ilha de Boipeba (Cairu)	205
Capítulo 32. Ilha de Boipeba	211
Capítulo 33. Ilha de Tinharé (Cairu)	215
Capítulo 34. Ilha de Tinharé – Valença	225
Capítulo 35. Valença – Jaguaripe	229
Capítulo 36. Ilha de Itaparica	235
Capítulo 37. Salvador	243
Capítulo 38. Lauro de Freitas	249
Capítulo 39. Camaçari	253

Capítulo 40. Camaçari – Mata de São João.....	257
Capítulo 41. Mata de São João – Entre Rios.....	265
Capítulo 42. Esplanada – Conde.....	271
Capítulo 43. Conde	277
Capítulo 44. Jandaíra.....	285
EPÍLOGO	291
Apêndice 1	297
Apêndice 2	300
Apêndice 3	308

APRESENTAÇÃO

Há treze anos e nove meses, eu concluía a viagem que é tema deste livro. A ideia de escrevê-lo sempre existiu, mas foi somente em agosto de 2019 que começou a se concretizar.

O considerável tempo de hiato entre o término da *travessia* e o início desse desafio resultou numa dicotomia sustentada pela ambivalência entre aspectos negativos e positivos: se por um lado a memória perde detalhes, fatos e acontecimentos, por outro, o distanciamento possibilita uma compreensão do todo mais abrangente e madura. Diante da real hipótese de julgar minha memória como “muito boa”, e consequentemente privilegiar a segunda premissa, prefiro pacificar o dilema: o que perdi por um lado, ganhei pelo outro.

Como leitor assíduo, e tratando-se de relatos de viagens e aventuras, tenho convicção de que toda história vivida, quando recebe a incumbência de ser contada através da literatura, por mais honestas que sejam as intenções de seu narrador-personagem, ganha um “quê” de ficção ou fantasia. Não no sentido de criação ou invenções, mas pelo deslumbramento que causa ao próprio escritor.

Comigo não foi diferente. Tudo o que relatei de fato ocorreu; se houve desconformidades, foi pela minha incapacidade de transferir de maneira mais fidedigna o conteúdo da cabeça para o papel.

Quando falo em ficção, no caso específico, refiro-me à minha ousada escolha de desenvolver no tempo *presente* algo pertencente ao *pretérito*. Mais; muitas das informações de cunho histórico, geográfico e biológico que inseri na montagem, além de outros argumentos, foram resultantes de pesquisas a posteriori: datas, eventos, personagens, locais exatos das divisas de municípios, nomes de

localidades e de rios, bem como um aprofundamento em assuntos sobre os quais eu já detinha bom ou algum conhecimento, como marés, Lua, tipos de praia e de ilhas, vegetação e agricultura, animais, indígenas, africanos, religião afro-brasileira, entre outros.

Durante a viagem, em 2007/08, grande parte desse significativo acervo de informações na verdade não constava na minha *bagagem*, e algumas vezes eu até desconhecia o município em que me encontrava. Isso não é relevante quando se está na beira da praia. Por outro lado, anotei com zelo num caderno todas as distâncias percorridas – o total diário, frações entre localidades e o que mais julguei necessário. Junto a isso, fiz um levantamento completo dos lugares nos quais pernoitei, das barras de rio que atravesssei e, na medida do possível, registrei os nomes de muitas das praias do litoral baiano, fato que será abordado no livro. A respeito das minhas fotos – mais de 600 –, tive o cuidado de numerá-las, adicionando uma breve descrição a cada qual.

Mais que as pesquisas complementares, minhas anotações – no frágil caderninho que encontrou no sol um aliado para apaziguar os rescaldos do enfrentamento de tantas barras de rio – foram imprescindíveis, junto às fotografias, para reavivar lembranças não esquecidas, mas adormecidas.

Hoje vejo com bons olhos o fato de, no decorrer da expedição, não estar focado em questões científicas, históricas ou simplesmente documentais; livre e descompromissado que me encontrava, desinteressado pelos *feitos* e intrometimentos humanos, na grande maioria das vezes maléficis ao meio ambiente – cenário definitivo da minha viagem.

No processo de construção de uma obra a imaginação ganha asas, e, curioso, mesmo que possa ter fantasiado em alegorias, esse tempo a separar a expedição de fato da sua versão “história” leva-me a crer que tais deslumbres não se transfiguraram em licenças poéticas, mas sim perfazem uma forma – talvez a única possibilidade – de se verter em palavras aquilo que se vivenciou, experimentou e sentiu. Não fosse assim, por esse caminho, não seria literatura; talvez até impossível escrever um livro. *Este* livro, certamente.

Situação inusitada e conflitante foi, pela opção de conduzir a narrativa como se estivesse em pleno exercício da *travessia* – tempo real; ter de omitir fatos que viriam a enriquecer certas passagens, mas que não poderiam ser aventados por não obedecer à ordenação cronológica que eu vinha trilhando, já que, pelo desenrolar dos acontecimentos, ainda não faziam parte do meu domínio.

Creio que a viagem em si e o livro que dela resultou tanto se espelham como se completam. Intimamente, produzi-lo foi reproduzir a *travessia* e isso me proporcionou imenso prazer.

SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 2021

ABDIAS FERREIRA NETO

PRÓLOGO

O Brasil é um país rico em biodiversidade. Essa exuberância manifesta-se através de seis grandes *biomas* – a Floresta Amazônica, o Cerrado, a Mata Atlântica, a Caatinga, o Pampa e o Pantanal. Além destes, conta ainda com um outro definido por singularidades, já que sua composição física extrapola a área continental onde fixam-se os demais. Conforme a nomenclatura formalizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), refiro-me ao Sistema Costeiro-Marinho.

Bioma é uma unidade geográfica formada por determinada vegetação predominante e características climáticas específicas. Pode abranger um ou mais *ecossistemas*, que são por suas vezes entendidos pela integração entre os organismos vivos e seus ambientes físicos.

O Sistema Costeiro-Marinho responde por uma demarcação que abrange toda a costa do país. Em vista disso, esquivam-se substancialmente das diretrizes mais rigorosas que permeiam o conceito de bioma. Na sua porção continental, limita-se e interage com cinco dos seis ditos biomas terrestres (o Pantanal é a exceção). Observando-se sua prevalência marítima, marca a transição dos ecossistemas terrestres para os aquáticos, compreendendo verdadeiras maravilhas: manguezais, recifes de corais, dunas, costões rochosos, falésias, ilhas, lagoas, restingas, brejos, estuários e praias.

Praia. O povo brasileiro tem como predileção essa formação geológica composta por partículas soltas de minerais ou rocha na forma de areia, seixo, cascalho ou calhau, ao longo de um corpo d'água salgada ou doce, formando respectivamente praias marítimas e fluviais.

O estado brasileiro que detém a maior faixa litorânea é a Bahia, com cerca de 1000 km. A característica desse litoral é principalmente a extensão e continuidade das praias, com poucos recortes e interrupções por encostas rochosas. Essas interrupções existem sim, com grande incidência, por parte das *barras*, isto é, as porções finais das regiões estuarinas, onde rio e mar enlaçam-se lindamente. Tais processos, as chamadas *barras de rio*, apresentam-se com larguras e profundidades diversas, desde as que podem ser atravessadas a pé, com a água pelos tornozelos, na cintura ou na altura do pescoço – dependendo das peculiaridades de cada qual e das variações das marés –, até aquelas que para serem transpostas se faz indispensável o auxílio de uma embarcação, mesmo que uma simples canoa.

É possível também vencê-las *no braço*, caso se saiba nadar. A não ser que o postulante esteja “a bordo” de uma bicicleta. No meu caso, carregada com equipamentos e víveres, e com a incumbência de cruzar o litoral baiano na sua totalidade, desde o Riacho Doce, seu limite sul, até o Rio Real, o limite norte.

Entre os territorialmente modestos estados do Espírito Santo e de Sergipe, tendo o mar como companhia, o céu como limite e as areias como estrada, eu conheço uma Bahia única, que se apresenta a mim de forma simples e arrebatadora, e onde realizo um antigo... sonho?

Não me recordo de como nasceu o desejo. Muito menos o projeto, se assim posso designá-lo.

A bicicleta já estava fazendo parte da minha rotina há muitos anos. Meio de transporte diário, levando-me para cima e para baixo, para um lado e outro através de distâncias consideráveis.

O estado da Bahia eu conheci em 1994. A partir de 1997, passei a frequentá-lo anualmente, muitas vezes duas incursões a cada doze meses. Geralmente por períodos superiores a quarenta dias, chegando até, em 2001, a permanecer por setenta e três dias, naquela que foi a viagem mais longa, quando tive a oportunidade de conhecer o maior número de lugares.

Talvez tenha sido nesses dias que se consolidou em mim a forma – definitiva – como viajo desde então pelo Brasil afora, sem planejamento maior do que escolher uma direção ou rumo, um estado ou região.

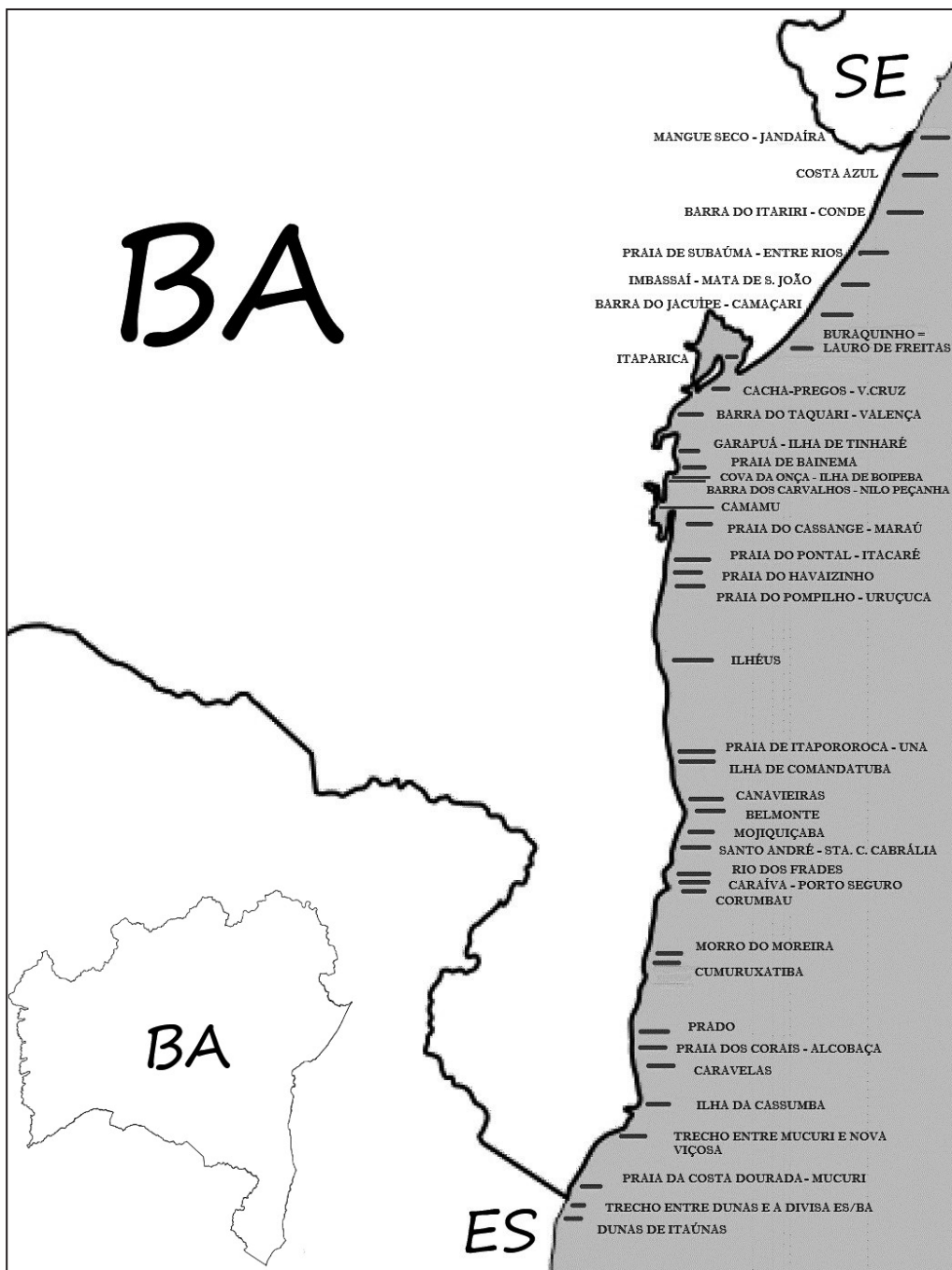
De alguma maneira e em algum momento, surgiu o propósito de reunir na forma de aventura, desafio e lazer coisas que para mim já eram familiares: pedalar, acampar e perambular pela Bahia. Foi assim que a escolha desse litoral aconteceu

– naturalmente. Já conhecedor de vários de seus *pedaços* – talvez pouco em relação à sua grandiosidade –, decidi por montar um quebra-cabeça vertical, encaixando peça por peça do sul ao norte. Cada qual desses fragmentos podendo se materializar numa praia deserta ou numa vila badalada pelo turismo, nuns tantos quilômetros de caminho sem ver ninguém ou numa grande cidade, numa comunidade esquecida à beira-mar ou até numa morada em completo isolamento.

Afortunadamente, assim ocorreu. Cada peça se fez representada e manifesta por meio da combinação de matéria e energia: grãos de areia, gotas do mar, nuvens no céu, acenos de bom dia, semblantes admirados por verem passar, numa bicicleta carregada de bagagens, certo alguém pedalando como se estivesse indo para muito longe ou como se não fosse chegar a lugar algum; sem urgência alguma de avanço, mas sempre disposto a seguir em frente.

Peça por peça, pedalada por pedalada. Ou pedalar é uma ação cíclica que não se pode dividir em pedaços, medidas ou unidades, assim como não podemos contar os grãos de areia de uma praia?

Não sei ao certo...



O mapa acima destaca as localidades que me serviram de pouso, nas quais pernoitei, ou seja, onde se encerraram e iniciaram ciclos diários de deslocamento. Considere-se que em algumas destas eu permaneci por mais de um dia estacionado.

CAPÍTULO I

São Paulo/SP – São Mateus/ES

Ônibus. O meio de transporte que irá me conduzir até o ponto de partida. Não estou indo para um destino final; neste momento, o objetivo é chegar ao local determinado para o início da minha rota.

São Mateus, Espírito Santo. Não propriamente a área urbana deste que é o segundo município mais antigo do estado, mas uma localização ao norte, na BR-101, onde se situa o Ponto de Apoio Rodonaldo, como é conhecido esse posto de gasolina devido às suas características específicas. Além dos serviços normais de um posto de estrada, funciona como ponto de assistência para ônibus intermunicipais e interestaduais, sendo que a uma parcela, não apenas tendo em conta pausas nas viagens mais extensas – oferecendo sanitários, restaurante e lanchonete –, mas também servindo como local de embarque e desembarque em proveito de passageiros de algumas linhas que por motivo contratual ou prático não adentram a cidade e respectiva rodoviária, cujas quais conheço de outras ocasiões.

O próprio posto Rodonaldo me é bastante familiar. Parada habitual das linhas pertencentes à Cia. São Geraldo de Viação que transitam entre as Regiões Sudeste e Nordeste. Em várias oportunidades, foi através de algumas dessas que cheguei ao estado da Bahia, sobretudo na sua porção sul. E que hoje chego aqui, desta vez *saltando* um pouco antes do costumeiro destino.

Sim, minha viagem prosseguirá para aquelas bandas, ou melhor, passará por lá; mas quando isso acontecer, eu já estarei sobre duas rodas não motorizadas.

Ótimo! Desembarcar na estrada, em plena BR, na penúltima cidade banhada pelo litoral norte capixaba. Mais acima e já fazendo divisa com a Bahia, o município de Conceição da Barra, no qual, entre outros recantos à beira-mar, encontra-se a vila de Itaúnas (ou Dunas de Itaúnas), pacata e agradável; conhecida por turistas de outros estados e países tanto pelas belezas naturais como pelo seu forró, e que durante as temporadas de férias e feriados, amanhece o dia ao som de triângulo, sanfona e zabumba.

Desembarcar! Acabo de percorrer, de São Paulo até aqui, aproximados 1150 km, número pouca coisa superior à extensão do litoral baiano na íntegra, e que pretendo cobrir pelas suas areias. Somando-se o trecho que me falta estreitar até a divisa praiana entre ambos os estados (ES/BA), aproximamo-nos mais ainda da distância total que tenho pela frente.

Só fiquei ciente dessa coincidência onze anos depois, ou seja, nesse momento em que abraço finalmente a antiga ideia de transformar em obra *escrita* essa aventura; e aproveito o parêntese para reiterar que vou tratá-la como se estivesse no tempo presente, algo que, suponho, já tenha sido notado. Mera opção literária desse “marinheiro de primeira viagem” no que se refere a escrever livros.

Voltando ao presente (ou seria ao passado?), estou tentando descrever o desembarque pela terceira vez, porque me perdi em divagações na ânsia de lhes trazer informações e detalhes que pudessem ornamentar esse momento tão marcante. Vamos combinar assim? Permitam-me desembarcar uma quarta e última vez – em palavras – para que eu siga adiante; contudo, na realidade foi uma só e definitiva. Vamos lá!

Desembarcar! Desço eufórico do ônibus, piso em solo firme e vou direto em direção ao bagageiro para reaver minha bicicleta semidesmontada e demais bagagens.

Num instante, encaixei a roda da frente, parafusei-a, coloquei as bolsas tipo alforjes nos seus devidos lugares, presas à garupa, e, sobre esta, minha barraca. Às minhas costas, apenas uma pequenina mochila com os itens básicos que devam estar à mão facilmente, com destaque para a máquina fotográfica. Estamos no ano de 2007, ao décimo-oitavo dia do mês de dezembro, e eu não carrego telefone celular.

Se procurei quase todas as formas plausíveis para enriquecer o momento do desembarque, concedo-me o direito de declinar de qualquer tentativa de narrar ou descrever minha partida, realizada sob fortes emoções. As melhores possíveis!

Pedalo cerca de dezesseis quilômetros pelo asfalto (BR-101); na sequência entro numa estrada de terra ou, como preferem alguns, *de chão*. Assim se metamorfoseia meu piso: asfalto, terra, e, dentro em pouco, areia.

A estrada de terra serve-me por mais vinte e *poucos* quilômetros, cortando no sentido do litoral, até chegar às areias que formam as Dunas de Itaúnas.

Uma delícia esses primeiros quilômetros pedalados! Passo por plantações de eucalipto, comuns na região, vejo poucos seres viventes, os veículos motorizados começam a rarear. Aos poucos, vou sintonizando na frequência que tanto imaginei, sonhei, almejei. Minha viagem começou de fato. É indescritível!

Peço licença, então, e faço uso de uma passagem do livro *Paratii: Entre Dois Polos*, do grande navegador e escritor brasileiro Amyr Klink, de onde consigo extrair e sintetizar tão bem o que estou sentindo:

“(...) minha maior conquista: partir. Ainda que minha viagem durasse um único e mísero dia. Eu estava partindo para a minha mais longa travessia, e, mesmo que ela durasse apenas esse dia, eu havia escapado do maior perigo de uma viagem, da forma mais terrível de naufrágio: não partir.”

Como precisa de pouco essa gente, esse povo baiano, para ser feliz! Como eu preciso de pouco para me sentir baiano! Sim, essa é a minha terra, esse é o meu mar. A Bahia é, das minhas escolhas, o meu mais louvado acerto. Não apenas o caminho que me leva, mas também o que me traz ao âmago do meu ser.

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

